

Para quem não tem colírio

(Desnudando o comportamento compulsivo)

VIRGÍNIA LEAL

PARA QUEM NÃO TEM COLÍRIO
(Desnudando o comportamento compulsivo)

OLINDA
2004

Copyright © 2004, Virgínia Leal

Capa e ilustrações:
Gilmar Crisóstomo da Silva

Design gráfico:
Daniel de Oliveira Solano Lopes

Projeto gráfico-editorial:
Maria da Salete Rêgo Barros Melo

Revisão: Terezinha Acioli



Ao meu muito amado neto, Pedro Leal Pessoa Mendes, a quem jogo a semente, na esperança de que germine um futuro livre de drogas.

ÍNDICE

Prefácio
Apresentação

I – AS RAÍZES DO VÍCIO.....	13
• Cenário, 17	
• Afinidade que separa, 18	
• Expectativas esmagadoras, 19	
• Porta aberta, 20	
• Quem irá nos proteger? 21	
• O que os olhos não vêem, o coração não sente, 23	
• Ilusão de separatividade, 26	
• O que veio primeiro: o ovo ou a galinha? 30	
• II – TODO VICIADO É IGUAL?.....	31
• Viciado, eu? 37	
• Todo viciado é igual? 39	
• Em terra de cego, quem tem um olho é rei, 41	
• Os três mosqueteiros, 44	
• O vício como escudo, 47	
• O vício da compulsão, 48	
• Autoflagelação, 49	
• A solidão da perversão, 50	
III – A INICIAÇÃO.....	53
• Os eleitos, 56	
• A iniciação, 60	
• Formiga, quando quer se perder, cria asas, 61	
• O pássaro que cedo levantou vôo, 63	
• Hoje é meu dia de sorte, 64	
• Brincar de índio, 66	

- Ilusão suicida, **68**

IV – DE QUEM É A CULPA?.....**71**

- Maldição dos ancestrais, **74**
- Filhos não têm manual de instrução, **75**
- A culpa é dos pais? **77**
- Tentativas fracassadas, **79**
- Falhas cometi, não tem remédio? **82**
- O que dizer à mãe de um viciado? **85**

V – SINTOMAS DE CURA.....**87**

- Uma questão de sobrevivência, **91**
- Sede de Poder, **93**
- Tão perto, tão longe, **95**
- No labirinto da solidão, **97**
- O vício da onipotência, **98**
- O encontro das deusas, **101**
- O ópio do povo, **102**
- De perto, ninguém é normal, **105**
- Sem medo de ser feliz, **107**
- O Paraíso perdido, **111**

SUGESTÕES DE BIBLIOGRAFIA.....**117**

Prefácio

Conheci a escritora Virgínia Leal na sede da UBE – União Brasileira de Escritores, em Recife, nas reuniões das quartas-feiras. Observadora e indagadora que era (e ainda é), absorvia, sem nada perder, a experiência de outros escritores. Hoje colegas. Começou trazendo, e lendo trabalhos cada vez melhores sobre temas variados. Com ela, também, fomos aprendendo um pouco.

Eu sabia que estava diante de promissora escritora, não tinha dúvida. Era um diamante sendo burilado e se auto burilando. Pode? Em seu caso, sim.

Com jeito simples, a espectadora atenta surpreendeu-nos com o primeiro livro – *Caleidoscópio da Vida*. Para mim, apenas a confirmação de um talento. Belo livro. Virgínia havia injetado nas veias o vírus das letras. Continuou escrevendo artigos, poemas, contos, poesias e narrativas.

Certo dia, telefonou-me. Queria me entregar os originais de mais um trabalho para que prefaciasse. Ao examiná-lo, logo percebi que não se tratava apenas de mais um livro. Era, sim, uma obra primorosa, até no título, que insinua mensagem indireta, cifrada – *Para Quem Não Tem Colírio (Desnudando o comportamento compulsivo)*.

Trata-se de trabalho bem elaborado, sobre tema que poucos querem escrever – DROGAS. Virgínia mexe no vespeiro com sutileza de mestra, mesmo sem ser especialista na matéria. Conseguiu juntar assunto delicado, com doçura e verdades, sem tornar-se insistente. Parabéns.

A obra é um grito de alerta a pais desavisados, filhos rebeldes e pessoas indiferentes à grande ameaça das drogas que, com seus tentáculos, alcançam cada vez mais cedo crianças e adolescentes.

E os adultos? Quase todos os dias nos surpreendemos com a mídia mostrando pessoas que deveriam ser ídolos, envolvidas com drogas. São artistas, atletas, cineastas e outras pessoas de destaque, entregues ao vício e até sucumbindo com overdoses.

O livro aborda o assunto de maneira geral: fumo, bebidas alcoólicas, maconha e drogas pesadas que, quase sempre, são estradas sem retorno.

Virgínia, inteligentemente, mostra que não existe droga leve ou pesada, e sim, vício perigoso, em que, quando menos se espera, pode-se estar envolvido. Apresenta citações e alertas importantes de entidades e pessoas. Mãe zelosa que é, alerta outras mães para que observem seus filhos. Para estes, faz admoestações e emite conselhos inteligentes.

Em suma, seu livro deve ser lido e relido por todos. É uma verdadeira *carta de advertência* para quem pensa que o flagelo das drogas só acontece com os outros e, por isso, mantém-se indiferente.

Parabéns colega escritora. Você mais uma vez nos brinda com excelente obra.

PAULO DANTAS SALDANHA

Apresentação

Não é fácil encontrar a felicidade em nós mesmos, mas é impossível encontrá-la em outro lugar. Agnes Repplier, The Treasure Chest

Foi da minha terapeuta, Luzia Brasil, a idéia de escrever este livro. Achou que tinha material interessante, que poderia contribuir com o compartilhamento de experiências e reflexões sobre o tema. A ela agradeço o estímulo e a paciência de ler e comentar os textos. O primeiro texto surgiu da empatia que tive com o drama de uma amiga cujo filho é viciado. Era véspera do dia das mães, estávamos num recital, e o tema não poderia ser outro. Pensava como seria para ela este dia festivo.

Não tenho a pretensão de oferecer respostas a questões tão complexas. Muitos são os artigos e livros especializados que tratam com propriedade e profundidade do assunto. As crônicas deste livro são antecipadas por citações de obras especializadas, formando, assim, uma bibliografia a ser consultada pelo leitor interessado em aprofundar-se no tema.

Todos os relatos foram baseados em fatos verídicos, por mim experienciados ou por alguém com quem convivi. Nem sempre, ao usar a primeira pessoa, estou falando de mim.

A motivação para escrever os textos aqui colecionados foi a necessidade de compreender o problema, para melhor me entender e as pessoas

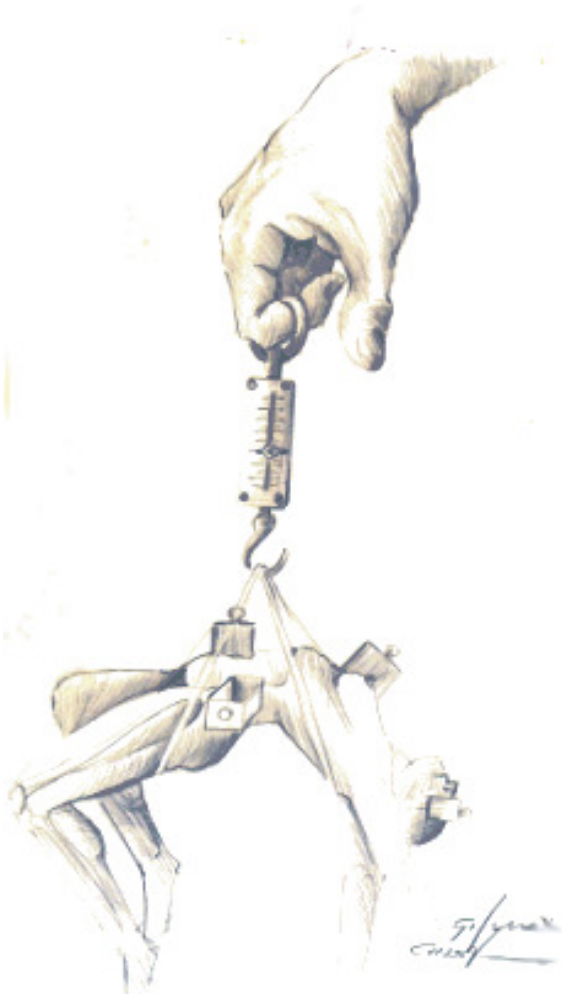
de meu círculo de relacionamentos passado, presente e futuro.

Quero compartilhar minhas inquietações sobre as várias formas de comportamento compulsivo, suas raízes e conseqüências individuais e sociais.

Penso que alguns estereótipos e mitos devem ser destruídos, para que a questão não seja mais tratada como o problema do outro, pois todos nós, em maior ou menor escala, temos atitudes desajustadas, que variam do chamado “vício de caráter” ao consumo de drogas proscritas.

É meu desejo ampliar a discussão sobre o que pode ser entendido por vício e questionar os critérios de aceitação ou rejeição social do viciado e sua conduta. Pretendo despertar em cada leitor a necessidade de procurar respostas que possam ajudá-lo a aceitar-se e melhor conviver e solidarizar-se com a dor alheia. E, neste processo de inclusão, promovermos a união sem fronteiras, único caminho para a felicidade autêntica.

I – As raízes do vício



Para alguém, com uma história de abuso físico, verbal ou sexual, a rendição muitas vezes se compara à violação. Tornar-se impotente implica tornar-se dominado, indefeso, ferido. Desistir do controle significa ser controlado por uma força poderosa e brutal. A idéia de que rendição permite a entrada da benevolência, do amor e de um maior poder espiritual parece estranha; é difícil compreender que se entregar é uma experiência transformadora e que leva ao crescimento. A experiência ensinou que as defesas devem ser mantidas intactas a qualquer custo; agir de outro modo significa ser esmagado.

O mosaico do vício possui muitas facetas simultâneas. Viciados em recuperação descobrem regularmente que seus vícios resultaram, em parte, de sua disposição genética, de uma reação química propiciadora de dependência a uma ou mais drogas ou de sua história familiar. Reconhecem a necessidade de escapar da realidade e amortecer a dor de suas vidas, ou de purgar sentimentos desagradáveis. Além disso, muitos reconhecem que o estresse de viver em uma cultura que estimula um estilo de vida compulsivo, egoísta e consumista também é fator para o seu comportamento dependente.

Muitos alcoólatras e viciados se retratam como sonhadores ou de algum modo criativos, sensíveis à intensidade e à beleza da vida. Somos idealistas: legiões de nós falam sobre querer ajudar os outros ou ajudar a resolver os problemas do mundo. Alguns foram agraciados com experiências espirituais, em muitos casos, desde a infância. Podemos

achar difícil lidar com o mundo complexo e exigente à nossa volta, assim como o intrincado mosaico emocional, psicológico e espiritual no interior. Respondemos desenvolvendo mecanismos elaborados e engenhosos que permitem que sobrevivamos ou escapemos dos desafios da nossa existência. Muitos de nós nos sentimos diferentes das outras pessoas, isolados e solitários, como se estivéssemos do lado de fora olhando para o resto do mundo. Muitas vezes sentimo-nos inadequados, vergonhosos, ou menos importantes, inteligentes ou eficazes do que outras pessoas.

Cristina Grof – Sede de Plenitude

Cenário

A brisa fria movimentava a cortina, acenando os primeiros raios da manhã. Chega tarde à chama já esmaecida, consumida pela cera que emoldura o castiçal. Duas taças vazias lamentam o vinho afogado no balde. Colorido da saia farta espalhada no sofá contrasta com o rosto pálido da noite de vigília. A virgindade da mesa bem posta atrai olhar, antes fixado na porta. Ofuscados pelo sol, os olhos fecham e expulsam lágrima retida. Sem ânimo para abrir, ali mesmo adormecem. Através da janela, um triste rosto masculino observa. Sacode a inércia que o reteve tão próximo. Ao longe, ouve-se o ruído de seus passos fracassados.

À humanidade, a solidão de não ser compreendida em suas hesitações e sonhos. Na ausência do diálogo, as drogas.

Afinidade que separa

O pai de Soledade sofre de depressão. Até conhecer os sintomas da síndrome maníaco depressiva, achava que a mãe, não. Percebeu, então, compulsividade dela em manter-se sempre ocupada: a casa impecável, o chão sempre brilhando, comida a tempo e à hora, ainda costurava para fora. Sem esquecer de falar dos cuidados com sua grande prole, oito filhos. Deles, um viciado em jogo; outro, comilão compulsivo; cinco tomam ou tomaram remédio controlado. Por terem optado pelos barbitúricos, receitados por médicos, ficaram a salvo do rótulo de viciado que não evitou o irmão alcoólatra.

Que mal é esse que assola toda uma família? Tem origem orgânica ou psico-cultural? Se o mal é o mesmo, o que faz uns optarem por remédios controlados; outros enveredarem nas drogas proscritas, e alguns apresentarem os chamados "vícios de caráter?" Haverá, um dia, cura para esse mal? Se a cada dia somos sobrecarregados com a violência urbana e marginalidade desenfreada? Se o individualismo institucionalizado não nos ensinou a fazer concessões? Se o coração endurecido pela dor emocional enrijeceu a vontade e a opinião? Se ao invés de nos unirmos para encontrar soluções, isolamo-nos para não admitir o problema coletivo?

Enquanto o medo estiver preso na garganta e a agressividade guiar os passos, viveremos a solidão da afinidade que separa.

Expectativas esmagadoras

Florindo é um homem de estrutura física delicada, em harmonia com seu jeito meigo e sensível. Criança, já sofria com as cobranças do pai para ser durão: “homem não chora; não volte da escola apanhado”. Muito cedo lhe foi exigido escolher profissão, tornar-se independente, assumir seu papel na sociedade. Florindo não entendia que papel era esse. Adolescente, seus amigos cobravam-lhe virilidade: “não negar fogo” quando uma garota “desse mole”. Não atinava por que tinha que tomar a iniciativa ou cortejar alguém que não lhe interessava. Não suportou a pressão de ser diferente: seguiu profissão “viril” e casou com o “modelo” esperado. A mediocridade do seu desempenho logo fez dele um perdedor, tanto na profissão, quanto no casamento. Só e desempregado, assustou-se com as exigências femininas. O isolamento aproximou-o da natureza e revelou seu talento para a arte. Constatou que outros homens pensam e sentem como ele. Ao descobrir-se, atraiu alguém especial. Feliz, Florindo não precisou provar mais nada a ninguém.

Porta aberta

A ansiedade é a doença que causa mais estragos na saúde física, emocional e social da humanidade. Diversas são as formas de reação a seus sintomas. Alguns ficam agressivos; outros trabalham compulsivamente até à exaustão. Muitos procuram alívio por caminhos que conduzem à dependência. Querem controle das conseqüências, sem buscar a causa. Por esse motivo, os sintomas ficam cada vez mais fortes, a exigir correspondente lenitivo num interminável círculo vicioso.

A maioria dos usuários de drogas pesadas afirma que começou pela maconha sua carreira de viciado.

Há quem se contente com uma dose de bebida, como aperitivo. Que acenda um cigarro, para relaxar no final do dia. Que fume seu baseado e se dê por satisfeito. Para aqueles cuja ferida espiritual é uma chaga, o destino é a over dose. Ou uma cirrose. Ou um câncer de pulmão. Ou obesidade mórbida.

Santos Dumont, ao inventar o avião, não imaginou que pudesse ser usado para a guerra. A natureza ao oferecer suas plantas e ervas, deu ao homem a responsabilidade do uso. Fechemos, portanto, a porta.

Quem irá nos proteger?

Duas amigas se deslocam, pelo Centro da Cidade, em direção ao restaurante. A conversa animada as distrai do ataque de um "cheira cola" que derruba uma delas, ao arrancar de seu pulso o relógio. Ante a paralisação da amiga, a vítima grita:

- Não vai nem me ajudar a levantar?

Estudante é abordada por rapaz que lhe aponta o revólver e informa tratar-se de um assalto. Sua reação? Rir, nervosamente, sem parar. Quanto mais ele irritava-se e pedia a bolsa, mais sem ação ficava. Único movimento: o sacudir do corpo pela risada frenética.

Dona de casa é surpreendida por puxão na bolsa. O ladrão deixa nas mãos e unhas da vítima pedaços da camisa e da pele. Semana seguinte, a cena se repete, apenas, desta vez, disparos de arma de fogo inibe sua perseguição.

As autoridades são incansáveis em orientar a não reagir a assalto. Nem sempre é possível ter controle de nossos reflexos, diante da adrenalina disparada pelo susto ou pela frustração da agressão sofrida.

A violência urbana desafia qualquer diagnóstico ou previsibilidade de conduta. Se, nos primórdios da humanidade o homem combatia o homem, havia códigos de comportamento a indicar como agir diante do perigo. A regra era lutar

ou fugir. Assim ficou registrado no instinto de preservação. Hoje, a ameaça está bem vestida, tem cara de anjo, simula fragilidade para dar o bote. Reflexos foram atrofiados pela vida sedentária. Reações desarticuladas pelo estresse. Ainda que a estatística favoreça quem não reage, não assegura a preservação da vida em todos os casos. O noticiário é recheado de agressões e abusos seguidos de morte. Vivemos entrincheirados, o inimigo na tocaia. E, nesta selva de pedra, desassistidos pelas instituições, sobra a sensação de *se correr o bicho pega, se ficar o bicho come*.

Penso nas crianças que crescem e o fazem presenciando e sendo vítimas de assalto. Em especial, quando estão sós, no trajeto da escola, na rua ou no ônibus. O nível de ansiedade que acumulam é devastador. Dependentes psicológicos ou químicos em potencial, se não tiverem a assistência necessária.

Enquanto o quadro não muda, a solução é adotar medidas preventivas: não fazer sempre o mesmo percurso; evitar parar em sinal, reduzindo com bastante antecedência a velocidade; andar com janelas fechadas; não ficar dentro de carro parado; não abrir bolsa ou atender celular em via pública; conhecer horários dos ônibus, evitando demora no ponto; ficar atenta à aproximação de pedestre, bicicleta ou moto. Acima de tudo, acreditar e pedir proteção divina.

O que os olhos não vêem, o coração não sente

Cipriano estava feliz. Afinal, era seu primeiro dia na equipe de trabalho cultural do Município. A comunidade estava satisfeita. Todos conheciam o seu drama familiar: sentia-se culpado pela mãe ter abandonado a família; evitou a morte do pai alcoólatra, ao revelar-lhe que ela havia colocado veneno para rato em sua comida. Desde que havia sido integrado no programa de profissionalização, não mais cheirava cola.

Para Damião foi um desafio. Ter uma equipe, formada por jovens viciados em recuperação, exigia redobrada atenção. Maus hábitos não são afastados da noite para o dia. Estoque de material e ferramentas era conferido amiúde e muitos objetos eram encontrados entocados, alguns vendidos. Apaziguar ânimos e desapartar brigas fazia parte de seu cotidiano. Descuidos provocados pelos reflexos desgastados, seqüelas do consumo de drogas. Apesar das dificuldades, Damião sentia que estava fazendo algo de bom, capacitando aqueles rapazes, muitos deles sobreviventes das ruas.

Obra concluída, Damião foi convocado para novo projeto em outra região. Ao retornar, ficou desolado: o programa de capacitação foi suspenso, não havia verbas. Encontrou Cipriano de volta às drogas. Durante sua estada, tinha ele autorização para fazer as três refeições diárias no mesmo restaurante que Damião se servia. Foi a forma de minimizar o desconforto da impotência que sentia.

Vi na TV, outro dia, depoimento de perigoso traficante. Afirmava que encontrou na criminalidade a forma de ser poderoso e famoso, sabia que, na favela, nunca seria ninguém.

Trabalhos assistenciais sofrem a evasão de voluntários. Muitos não suportam a frustração ao verem o tamanho do problema. Não entendem as conseqüências de não dar prosseguimento a um trabalho onde foi despertada esperança para quem vive no desespero ou na descrença. Aqueles que comparecem, esporadicamente, acham que não há obrigação ou responsabilidade no trabalho não remunerado.

Muitas instituições do governo e privadas deflagram projetos para retirar crianças das ruas, eliminar trabalho infantil, sem planejarem os resultados. Quando houve a chacina da Candelária, pesquisas informaram que havia mais ONGs do que crianças nas ruas.

A criminalidade aumenta na inversa proporção da negligência e insensibilidade do Governo e da sociedade. Enquanto as oportunidades de trabalho rareiam, cresce a iniciação de crianças e jovens no tráfico de drogas, na tão conhecida tarefa dos "aviões".

Virgínia Leal

Indiferentes a essa situação, fechamos as portas de nossas casas, dos carros, dos corações. Afinal, o que os olhos não vêem...

A origem do Universo (mitologia grega)

Um oráculo prevê que Urano (o céu) seria destronado e sucedido por um filho seu. Aterrorizado com uma possível perda de poder, passa a impedir que seus filhos nasçam do ventre de Gaia (a Terra). Urano é castrado e destronado por Crono, seu filho mais novo. Crono, aterrorizado pela mesma profecia, devora seus filhos, logo após o nascimento. Zeus, seu filho mais jovem, o prende a uma pedra, obriga-o a vomitar seus irmãos devorados e o expulsa. Desta feita, o oráculo prediz o nascimento de uma mulher que seria semelhante a um homem, que viria a ser senhor dos deuses e dos homens. Zeus repete a atitude de seus ancestrais e devora Méthis, sua esposa grávida. De sua cabeça nasce Palas Atena, encerrando-se, assim, o ciclo de pais filicidas..

Mitos e Arquétipos do Homem Contemporâneo. Humberto Braga e outros.

Ilusão de separatividade

Nunca os veículos de comunicação noticiaram tanta violência doméstica, alguns crimes envolvendo drogas, muitos tendo como motivação o dinheiro. Se a questão é preocupação antiga em países desenvolvidos como os Estados Unidos, no Brasil, parece revestir-se de outras características e o foco é a relação filial.

No passado, havia um padrão de educação acompanhado pela maioria das famílias. Preparavam-se os filhos para integrar a sociedade e formar família. Os limites estabelecidos pelos pais eram claramente definidos. As metas de educação e capacitação, coroadas com a colocação no mercado de trabalho. Hoje, não há um modelo familiar, de relacionamento ou casamento. As escassas oportunidades de trabalho e o tráfego de influências desmotivam aqueles débeis em iniciativas.

Alguns ambientes domésticos, vazios da presença dos pais ou preenchidos pela violência, favorecem a repressão de sentimentos. Nesse quadro desolador, alguns perpetuam a crise da adolescência, transformando rebeldia em crueldade. Revoltam-se os jovens contra toda figura de autoridade, desafiando a família e a sociedade. Em busca de liberdade, aprisionam-se na caverna da cobiça do que acreditam lhes foi sonogado. Nessa atitude anárquica, direcionam àqueles que o geraram a frustração de não conseguirem sobreviver no caos. Insana tentativa de voltar ao útero que os expulsou, abandonando-os num mundo que não

os acolheu. Não percebem que, ao destruírem os pilares de sustentação, sucumbirão sob os escombros. E farão sua morada, no túmulo em que pensam enterrar Deus.

*Socorro, não estou sentindo nada
Nem medo, nem calor, nem fogo
Não vai dar mais pra chorar
Nem pra rir
Socorro, alguma coisa mesmo que penada
Me empreste suas penas
Já não sinto amor nem dor
Já não sinto nada
Socorro, alguém me dê um coração
Que esse já não bate nem apanha
Por favor, uma emoção pequena, qualquer coisa
Qualquer coisa que se sinta
Tem tantos sentimentos
Deve ter algum que sirva
Qualquer coisa que se sinta
Tem tantos sentimentos
Deve ter algum que sirva
Socorro, alguma rua que me dê sentido
Em qualquer cruzamento, acostamento, encruzi-
lhada
Socorro, eu já não sinto nada...*

(Socorro - Arnaldo Antunes – Alice Ruiz)

O que veio primeiro: o ovo ou a galinha?

Recolhido e sisudo. Quando bebe, a mais eloqüente das criaturas. Outro tem sempre o mesmo discurso, no dia da ressaca: não se lembra do que fez. Há aquele que, invariavelmente, pede perdão à mulher pelos maltratos, insultos e agressões: estava bêbado. Pequenos furtos, roubos e até assaltos são explicados pelo consumo de drogas.

Uma pergunta sempre me atormenta sobre essa questão: o vício traz o comportamento distorcido ou a mente desajustada atrai o vício?

Conheço um senhor que tem características semelhantes às de muitos viciados. Anti-social, está sempre ausente emocionalmente, fala pouco, recolhido em seu próprio mundo interior. Nunca colocou uma gota de bebida alcoólica nem usou qualquer outra droga.

Tenho, bem próximo de meu campo de observação, um jovem que, declaradamente, é consumidor de maconha. Não apresenta atitudes agressivas, é bastante comunicativo e leva vida profissional e social, dentro do padrão de normalidade. Em oposição, quem não conhece pessoas agressivas e desonestas que não têm vício revelado?

Penso que há uma origem para as atitudes e reações humanas. E não está em fatores externos. É uma chaga na alma, cujos efeitos variam de pes-

soa para pessoa. Algumas mais sensíveis não suportam o desconforto. Dentre elas, umas vão buscar cicatrizantes; outras, sedativos. No meio destas últimas, algumas mantêm-se confortáveis com a anestesia da dor. Aquelas que têm úlcera aberta estão sempre aumentando a dose de morfina.

Enquanto não tivermos coragem de colocarmos o dedo na ferida, para descobriremos de que ela é feita, não encontraremos o caminho de cura. E estaremos sempre confundindo efeito com causa.

II - Todo viciado é igual?



Há pessoas que experimentam uma droga e não continuam. E outras há que se envolvem de tal forma que, apesar do sucesso nos esportes, na música, no teatro, etc., experimentam uma droga e não conseguem parar. Infelizmente esses vão engrossando o cordão dos viciados. ... Existe aí algum tipo de vulnerabilidade física, porque tomam até se destruírem, tomam até morrerem. Esses não bebem por lazer, não encontram mais o prazer de degustar uma bebida e sofrem horrivelmente.

J. Augusto Mendonça – Pais x Drogas.

Se os defeitos de caráter deformam o impulso sexual, transformando-se em fantasias cruéis e destrutivas, concretizá-las é tão desnecessário como concretizar outros sentimentos destrutivos.

Criando União – Eva Pierrakos – Judith Saly

Outro mecanismo comum e aparentemente eficaz que dá uma aparência de ordem a nossas vidas é a tentativa de manipular ou controlar uma situação e as pessoas envolvidas nela... Se não nos encontramos numa posição reconhecida de poder, ainda podemos exercer algum tipo de controle através de meios menos explícitos. Podemos aprender a ser engraçadinhos, flertadores, brincalhões ou mesmo sedutores para conseguir o que queremos.

Cristina Grof – Sede de Plenitude

Amar demasiado não significa amar muitos homens, ou apaixonar-se com muita frequência, ou mesmo ter um grande amor genuíno por alguém. Significa, na realidade, ficar obcecada por um homem e chamar isso de amor, permitindo que

tal sentimento controle suas emoções e boa parte do seu comportamento, mesmo percebendo que exerce influência negativa sobre sua saúde e bem-estar, e ainda assim achando-se incapaz de opor-se a ele. Significa medir a intensidade do seu amor pela quantidade de sofrimento.

Mulheres que amam demais – Robin Norwood

Co-dependente é uma pessoa que tem deixado o comportamento de outra afetá-la, e é obcecada em controlar o comportamento dessa outra pessoa.

Melody Beattie – Co-dependência – Nunca Mais

Viciado, eu?

É manhã de verão. Trafego pela estrada de barro em direção à Enseada dos Golfinhos. Uma senhora pede carona até o presídio Barreto Campelo. Percebo que a causa principal dos gestos lentos e penosos, para acomodá-la, não é a idade avançada e sim a obesidade. Início conversa:

- Hoje é dia de visita?

- É só esse sábado, minha filha, porque amanhã é dia das mães, e eles deixam a gente passar a noite. Tenho que atender os filhos que estão fora, por isso estou vindo hoje.

- Sabe, meu filho não é violento, não, ele matou porque se misturou com quem não presta. Ele não é viciado, até toma remédio controlado. Graças a Deus, ninguém da minha família tem vício, se ele fosse viciado, não iria visitá-lo.

Era difícil entender o que aquela senhora dizia, pelo esforço ao falar com a boca que não esvaziava. Compulsivamente empurrava um biscoito atrás do outro.

Empresário de meia idade, na reunião do A. A., é exemplo a ser copiado. Há trinta anos mantém-se sóbrio. Sua agenda é cheia de convites para palestras. Todo domingo vai à igreja confessar-se, invariavelmente, pelo mesmo pecado: mantém casos com mulheres casadas. Não agüenta dois dias de abstinência sexual.

De perto ninguém é normal, ou melhor, na intimidade, sempre há um vício, graciosamente chamado de “válvula de escape”.

Chamamos de dedicação, a compulsividade para o trabalho. Zelo, a necessidade de controlar tudo e todos. Bom torcedor, aquele que não perde um jogo. Abnegação, a insistência de mães em cuidar de filhos adultos. Há aqueles, compulsivos em chocolate ou coca-cola, que não entendem porque não conseguem perder peso; adultos compulsivos em roer unhas.

Criticamos, arrogantemente, os dependentes declarados, enquanto mantemos nossos vícios anônimos.

Todo viciado é igual?

Tarde de sábado. O professor chega antes da hora, e não falta, chova ou faça sol. Sua maior alegria? O badalar das dezoito horas. Dar-se-á para ele o início do fim-de-semana e poderá “tomar sua cervejinha”. Agora só bebe em casa, tem nome a zelar.

Incansável é o bancário de meia idade nas tarefas domésticas. Alimenta seus vários animais domésticos, cisca o quintal, apanha o lixo. Sempre tem uma torneira para consertar, uma vela de carro para trocar. Tudo no seu tempo, para não se atrasar ao trabalho. A partir da sexta-feira, à noite, até domingo ao meio-dia, ninguém conte com ele. Cai na orgia: “afinal nem só de trabalho vive o homem”.

Jovem talentoso. Troca noite pelo dia, não tem disciplina de horário para trabalhar, estudar ou alimentar-se. Sua criatividade o põe a salvo de maiores constrangimentos. Permite ser orbitado por perdedores que o vampirizam, em troca da maconha nossa de cada dia.

Trancoso, cidade dos prazeres. No bar mais freqüentado do lugar, aproxima-se, de dois rapazes, uma mulher, visivelmente, transtornada:

- Quanto tempo de barato dura aquele bagulho?
- Umás oito horas.

Sai cambaleando, ao som estrondoso das gargalhadas gerais.

Todo viciado é igual, sim, ao fugir do enfrentamento de si mesmo e buscar refúgio, ainda que eventualmente, na alienação. E, quanto mais acredita que tem controle sobre o vício, inarredavelmente, dominado por ele será.

Em terra de cego, quem tem um olho é rei

O jovem aceitou submeter-se à terapia em clínica especializada, em tratamento de dependência química. Logo na primeira entrevista, é aconselhado a participar de encontros de terapia de grupo. Muitos dos participantes estão em regime de internato. Poucas sessões aconteceram e sua frequência passou a ter outro objetivo: incentivar aqueles que estavam no fundo do poço. Estudava, praticava esportes e tinha muitos amigos. Nada que pudesse ser apontado como prejudicial à sua vida. Foi dispensado do tratamento. Cinco anos se passaram e continua fumando maconha.

Outro jovem, em confronto com o pai que havia encontrado em seus pertences papel de seda e material para o fabrico do cigarro, desafiou-o: Se você parar de beber, eu paro de fumar. Até hoje, ambos mantêm o vício.

A esposa, preocupada com a ingestão excessiva de bebida, convidou o marido a frequentar as reuniões dos Alcoólatras Anônimos. Goza ele de prestígio com o chefe e colegas de trabalho. Não falta com as obrigações de provedor. No seu modo de ver, gosta apenas de sair com os amigos e beber "todas". Na primeira reunião, escutou casos escabrosos de pessoas que revelaram bater na mulher, quebrar móveis, acordar caído no chão, em plena via pública. Magoado, perguntou à mulher: você está me comparando a esses perdedores?

De todos os casos citados, observa-se que o parâmetro para aceitação ou não do vício é a conduta do usuário. Se ele consegue manter um padrão de normalidade em seus compromissos, nada a reparar.

Até o lema do A A A é exatamente este: deixar o alcoólatra chegar ao fundo do poço, ou seja, à degradação máxima, para que sinta necessidade de pedir ajuda. E, quem não chega a esse ponto, continua causando danos a si e àqueles que o circundam, ou seja, em terra de cego, quem tem um olho é rei.

Prometeu, na mitologia grega, foi um titã que roubou o fogo do céu para trazê-lo à terra e oferecê-lo aos homens, em fragrante desobediência a Zeus, o deus dos deuses. Por isso foi celebrado como benfeitor da humanidade, mas a divindade máxima o condenou a ser acorrentado num rochedo, onde todos os dias um abutre lhe devorava o fígado. Prometeu é, pois, o símbolo da revolta contra o poder – real ou aparentemente – indestrutível e inalcançável. É a insubmissão ante um destino que se apresenta como fatalidade. É o desafio inaudito: adesão ao humano em oposição ao divino.

Dom Quixote é o símbolo da luta pelo ideal. Um ideal de altruísmo e abnegação, de doação de si mesmo porque combate por um valor que considera maior que ele próprio. O ideal se distingue do projeto porque nele o sujeito é meio e não fim. Obviamente é excluído o interesse pessoal. Dom Quixote se propõe a defender os fracos contra os fortes. Por isso o gesto quixotesco inspira ternura, ao passo que o prometéico suscita assombro.

Contrariamente a Prometeu, Dom Quixote é otimista. Acredita na vitória do seu ideal e cultiva permanentemente o sentimento heróico da vida.

Mitos e Arquétipos do homem contemporâneo
Humberto Braga e outros.

Os três mosqueteiros

Estou na casa de uma amiga. Aguardamos seu irmão e amigos para o almoço. Ao chegarem, observo um deles, faltando pedaço da sobrancelha.

- Passou no vestibular?

- Não, os pelos caíram, assim como alguns da cabeça. É estresse.

Fiquei curiosa de como um jovem da geração coca-cola, parecendo não estar nem aí para responsabilidade, chegasse a esse nível da doença.

- Que grandes negócios você deixou de fechar? (perguntei, brincando).

- Tudo começou quando comecei a trabalhar numa firma de informática. Estava muito empregado, até que houve mudanças, as metas ficaram mais apertadas. Fui excluído da equipe, porque tirei licença médica, meu chefe achou que não era capaz de agüentar pressão. A namorada queixava-se de minha ausência, do tempo que dedicava a meus amigos. Perdi o emprego e a namorada. Então começaram a cair os pelos. Pode não parecer, mas tenho vinte e cinco anos. Tinha uma meta: pretendia, aos vinte e oito, já ter vida estável e patrimônio formado.

- Por que o namoro acabou?

Depois de várias respostas que não convenceram nem a ele mesmo, respondeu:

- Ela deixou de fumar maconha e queria que eu parasse. Tinha raiva de meus amigos, porque eles fumam.

- Não era esse o motivo (interveio o amigo). Tinha raiva porque eu o aconselhava a não faltar à faculdade para ficar com ela. Cada vez que um de nós se desvia, os outros interferem. Eu também tenho uma meta: estou na faculdade e espero, nos próximos oito anos, ser independente financeiramente.

- Não sei por que as pessoas implicam tanto com maconha, que só faz mal a quem consome. Não sou daqueles que roubam os pais.

Fiquei surpresa ao constatar que esses jovens não eram alienados, apenas não conseguiam encaixar-se ao desumano ritmo do atual sistema produtivo. Imaginei o que seria de mim, que tantas vezes já me ausentei do trabalho por problemas emocionais, se estivesse, hoje, entrando no mercado de trabalho. Observei que o que os une é a necessidade de proteção, a vigilância para que os excessos não os afastem de suas metas. Fico pensando na incoerência de pessoas ambiciosas optarem por consumir drogas cujos efeitos cada vez mais os distanciam do mercado competitivo.

Enquanto o lema de um por todos e todos por um for direcionado para a auto-indulgência

coletiva, o verdadeiro inimigo continua fazendo estragos irreversíveis.

O vício como escudo

É um profissional respeitado, dedicado à família e reservado. Quando bebe, não escolhe mulher para assediar, não importa idade ou vínculo familiar. Repete o quadro após prometer, assim, não fazê-lo.

Na rua, é o centro das atenções, divertido, espirituoso. Em casa, déspota. Ao percebê-lo alcoolizado, a mulher se retrai. Invariavelmente despeja sarcasmo, humilha. Na sobriedade, finge nada ter acontecido.

Outro é recebido com hostilidade pelo filho. Por que só o repreende quando está bêbado?

Na qualidade de co-dependente em recuperação, traço perfil pela escolha da droga. O fumante busca apenas relaxar. O comilão sofre de baixo-estima. Muitos dos alcoólatras são reprimidos. Quem parte para drogas proscritas não consegue adaptar-se ao sistema. Todos, invariavelmente, têm sensibilidade aguçada. Quanto mais nega sentimentos, maior é seu sofrimento e dependência.

Quem já brindou algum dia, sabe que a bebida afrouxa as rédeas da censura, libera o que está reprimido. Muitos, entretanto, nela se escondem, para dar vazão a maus instintos, evitar confronto, eximir-se de responsabilidade. A droga pode provocar náuseas, mas se o estômago está vazio, não há o que lançar. O animal doente respeita o jejum. No que nos tornamos?

O vício da compulsão

Quando criança, Andaluz brincava da mesma brincadeira até enjoar. Adulta, alimenta-se em excesso, até passar mal e iniciar mais uma dieta que, chegando à meta desejada, atrai nova orgia de comida. Várias atividades, intensamente, exercidas e abandonadas. Cuidados com aparência: musculação, massagem, cremes, cosméticos. Renovação do guarda-roupa. Logo, é a casa: novos móveis, objetos de decoração, roupa de cama, mesa e banho. Em seguida, jardinagem. Descobriu prazer em livros espiritualistas e de psicologia voltados para auto-ajuda: estoque deles. *Workshops*, vivências, meditações. Desenvolveu intuição aguçada, na tentativa de controle das situações: quer informação premonitória. Qualquer atividade eleita traz sempre o mesmo resultado: desiste ou interrompe pela exaustão, ou seja, só pára quando a mente, as emoções e o corpo chegarem ao limite. Superada a prostração, novas aventuras compulsivas. A busca de realização mantém Andaluz a salvo de entrar em contato com seus fantasmas. E também de ser feliz.

Autoflagelação

Recentemente, a mídia foi atraída para um acontecimento chocante: jovens se autoflagelando. De implante de *piercings* e tatuagens nos locais mais sensíveis do corpo até a variados cortes e queimaduras.

Alguns tentam explicar tal procedimento como ato de rebeldia; outros, como rituais de iniciação; a maioria por prazer. A dor física parece ser mais suportável e afugentar, ainda que não permanentemente, a dor emocional.

A autoflagelação não é novidade, monges e sacerdotes já assim faziam, na tentativa de conter os maus impulsos e afastar demônios. Alguns acrescentavam toda sorte de privação para domínio da vontade: jejuavam, dormiam ao relento, ajoelhavam-se sobre pedras.

Algumas religiões e filosofias educam reprimindo. Negamos nossa natureza inferior, agindo de acordo com o padrão idealizado. A mudança vem de dentro para fora e não de fora para dentro. A aceitação de quem somos é o primeiro passo no caminho da evolução. É preciso entrar em contato com nossas sombras, admiti-las e transformá-las. Quem ainda não entendeu isso, flagela o corpo que deveria estar fortalecido para enfrentar o embate interno, que causa o crescimento espiritual.

A solidão da perversão

Primeira vítima de sua mórbida compulsividade, a pequenina irmã. Não conseguiu esconder por muito tempo da primeira esposa, as aventuras sexuais. Atravessou cinco casamentos fracassados. Não parou para pensar, quando a segunda e adolescente mulher fugiu com outro. Nem quando a terceira não suportou os maltratos físicos. Foi arrastado pela perplexidade com o suicídio pós-parto da quarta jovem companheira. Parecia ter-se aquietado com a última, quando o caso que mantinha com a filha adotiva veio às claras. No meio de toda essa confusão, seis filhos, dois netos.

Penso na velhice atormentada, visitada pelos demônios por ele criados e nas próximas vítimas de sua lascívia desenfreada. Preocupo-me com a formação dessas crianças, algumas hoje adultas, criadas nesse ambiente de permissividade e instabilidade. Desejo que tenham conseguido expurgar a herança maldita que receberam.

O Ministério da Cura adverte:

- *Fumar irritação causa câncer de pulmão*
- *Beber frustração provoca cirrose*
- *Copular desamor mata dignidade*
- *Devorar infelicidade produz obesidade*
- *Jogo de carências destrói vidas*
- *Cheirar sentimento de inadequação mata*

Confrontar o ego dói, mas cura.

III – A iniciação



Como bem sabemos, o cigarro, as bebidas alcoólicas e os barbitúricos são aceitos e aprovados socialmente. O que acontece com esses tóxicos para serem socialmente aceitos é que se são dosados, controlados de certa forma, não causam nem produzem danos imediatos e, para o bem da sociedade, não levam os usuários a produzir danos a terceiros.

É mentirosa a lenda de que a maconha é a mais inofensiva das drogas. E essa idéia foi difundida por traficantes, logicamente. Não por pesquisadores e cientista... O que se tem observado é a queima de neurônios no lobo frontal do cérebro. Essa queima tira do usuário a vontade de se tratar e de se curar.

A droga é monstruosa e é verdadeira. Não se pode mais permanecer à deriva deste aterrorizante problema que flagela o mundo. O meu grito é grito de alerta aos pais, para que não permaneçam indiferentes a tão grave problema, na ingênua ilusão de que esse flagelo somente bate na porta do vizinho e nunca na nossa própria porta. E mais, que nossos filhos são por demais santinhos e jamais cairão em tal tentação.

J. Augusto Mendonça – Pais x Drogas.

Os eleitos

Poderia ser uma viciada. Aos doze anos, tentei, insistentemente, fumar. Achava lindo uma mulher com cigarro na mão. As tonturas e náuseas não deixaram. Por muito tempo, consumi calmantes para dormir. Uma vez tomei uma caixa inteira de Somalium. Queria morrer? Não creio. Tenho tolerância mínima ao álcool. Cerveja me dá indisposição. Bebidas quentes, náuseas. Antidepressivo me deixa lerda, sinto-me totalmente sem controle. Curiosidade não tive para maconha ou outras drogas.

Como me acalmo? Açúcar, muito açúcar. Empanturro-me de doces, tortas, chocolates. Em seguida, vem a culpa do excesso, sinto-me gorda. Início, pela enésima vez dieta, para abandoná-la ao primeiro surto de ansiedade.

Então me pergunto por que, tendo as mesmas características do viciado proscrito, não me tornei uma?

Além da ausência de predisposição orgânica, nunca me conformei com a infelicidade. Considero-me otimista. Ainda que seja eventualmente acometida pelo desânimo, a esperança nunca me abandona.

Por ter consciência de minhas limitações e tendências, não relaxo os cuidados de manutenção do equilíbrio. Estou sempre em *workshops*, vivências e técnicas que ajudem a harmonização interior. Não dispenso meditação, prece e exercí-

cios físicos. Homeopatia, acupuntura, técnicas orientais, *Reik*, essências florais, também são excelentes auxiliares.

Tudo isto evita novo surto? Não, mas diminui o impacto e ajuda a sair dele. O principal é iniciar, com coragem, a jornada do autoconhecimento e detectar onde estão os nós para desatá-los. Profissionais especializados são de fundamental importância nesse processo. Posso não me sentir curada, mas percebo, a cada dia, uma cicatriz onde havia um tumor.

Será que o meu filho se droga?

Como saber se o seu filho está a consumir algum tipo de droga?

É quase impossível estabelecer tabelas de avaliação para a detecção do consumo de droga. Os adolescentes são todos diferentes e têm maneiras distintas de reagir ao consumo, tanto ao nível físico, psíquico ou social. Por outro lado, os efeitos da droga também diferem de adolescente para adolescente.

No entanto, existem alguns comportamentos que nos podem dar algumas pistas, como por exemplo:

- Faltas consecutivas à escola ou desmotivação repentina pelos estudos.*
- Pouco interesse pela vida e pelo futuro.*
- Alterações do sono, com períodos de sonolência exagerada*
- Negligência do aspecto físico*
- Alterações do apetite*
- Falta de higiene*
- Mudanças bruscas de humor, com períodos alternados de passividade e agressividade*
- Comportamentos delinquentes, como roubos, mentiras ou venda de objetos para obter dinheiro.*
- Deixar de se encontrar com os amigos de sempre e começar a andar com novos amigos que não quer apresentar também é sinal de que alguma coisa pode não estar indo bem com ele.*
- Recusar-se a dizer aonde vai ou a que horas volta também é uma atitude a ser vista com cautela*

pelos pais, embora sempre seja prudente dar um voto de confiança ao filho.

- Olhos vermelhos ou vidrados, falta ou excesso de sono, irritabilidade e recusas constantes em conviver com a família também devem ser observados.

Perante esses acontecimentos, e mais uma vez volto a assinalar que cada adolescente é um caso, os pais podem pedir ajuda ao médico de família, a um psicopedagogo ou psicólogo, para confirmarem as suas suspeitas.

www.antidroga.com.br

A iniciação

Curiosidade dos dezessete anos. Não foi sem cautela. Muito se falava do efeito devastador das drogas. Precisei conferir.

Voltava de uma festa de casamento. No carro, um advogado, um dono de oficina, um arquiteto. Reputação ilibada. Fumavam sem reservas. Conversa animada. Pararam num bar, algumas doses de uísque. Não vi qualquer alteração. Voltamos ao carro, nova rodada de fumo. Passaram o cigarro, peguei-o.

Queriam me viciar? Não, porque, sequer, sabiam se já era usuário. Passar o fumo numa roda é um ritual, tão natural quanto brindar.

Meus pais tiveram culpa? O exagero nos efeitos imediatos da maconha, nivelando a todas as outras drogas mais fortes, era fruto da ignorância reinante. Ainda hoje, com toda informação, o estereótipo existe.

Continuar a ser usuário? Opção minha.

Formiga, quando quer se perder, cria asas

Bem jovem, Prometeu já era um idealista. Protetor dos fracos e oprimidos, amigo incondicional. Queria ser tão popular quanto o pai. De tanto a natureza agressiva e rebelde brigar com a máscara de bonachão, que fixou, aos catorze anos desenvolveu uma úlcera de estômago, baixou em hospital. Auxiliado pelos pais apreensivos, iniciou uma variedade de esportes que não deu continuidade. Tudo para aplacar o grito que ameaçava estrondar. Terapia? Nem pensar, a especialista que o assistiu, na infância, não foi capaz de ajudá-lo a vomitar o som tribal. Para proteger-se desse dragão, preencheu seu corpo de vários deles, “tatuagens sagradas”.

Foi quando, aos dezessete anos, ouviu falar de uma “planta de poder”. Facilitava viagens fora do corpo e experiências místicas. Estudou tudo que havia disponível na literatura veiculada na Internet. Achando-se capacitado, foi em busca da iniciação. O amigo procurado só aceitou a missão, porque ameaçava buscar em qualquer outra fonte, estava decidido. A dopamina fez o efeito esperado, sua estrutura ansiosa foi aplacada. Logo, veio a perceber a efemeridade do efeito, a exigir maior consumo. Conseguiu ocultar, por três anos, sua condição de usuário, até que os papéis de seda descuidadamente expostos o denunciaram. Iniciou-se o bombardeio de apelos dos pais, livros especializados disponibilizados, sentenças condenatórias exibidas, integração em grupos terapêuti-

cos. Nada o demovia nem o fazia perceber o estrago já instalado. Afinal, o monstro estava sob controle.

Aos vinte e cinco anos, consome três baseados por dia e já admite que o endeusamento da maconha foi um erro. Se tivesse as informações científicas de hoje, mais aprofundadas, não teria iniciado. O mito da ideologia distorcida que criou foi, finalmente destruído. Espera Prometeu motivação para sair da prisão que pensou ser liberdade. Ainda não entendeu que o grito que tanto teme é sua salvação.

O pássaro que cedo levantou vôo

Todos daquela família saíram cedo de casa. Vitoriano foi recordista. Aos catorze anos, já era menor aprendiz. Dinheiro cedo no bolso. Não lembra quando começou a levar as irmãs mais novas para barezinhos. As farras, inesquecíveis. Nunca teve sorte com namoradas, logo escolhiam outro. No casamento não foi diferente, ignorou os sinais de advertência sobre a conduta não muito tradicional da eleita. Muitos foram os anos entre farras, tapas e beijos, até as tapas começarem a doer e os beijos rarearem. Para a mãe, era sempre o filhinho desprotegido, até ele resolver voltar a morar com ela. Teve que se submeter a limites. Na rua, entretanto, quem continuava a ditar as regras era ele. Vitoriano optou pelos meios alternativos de cura, mas não consegue levar a sério. Seu imediatismo é incompatível com o método homeopático, naturalista. Não consegue manter hábitos saudáveis. Em casa, quando, raramente, é visto, parece um Zumbi. O rosto encerado, o corpo inchado pelo álcool que parece ter substituído o sangue nas veias. Retraído, ausente, mudo. Na alternância de tentativas, o receio da família de ser tarde demais para o corpo submetido a tão prolongado envenenamento.

Hoje é meu dia de sorte

Tudo começou em inocente jogo de baralho entre irmãos. Fortunato já demonstrava inquietação exacerbada em vencer e brigava quando perdia. O pai proibiu a jogatina, que se estendia até tarde da noite. Era preciso descanso para enfrentar o trabalho. Isolado, Fortunato procurou outros parceiros, jogo a dinheiro. Quando perdia, amanhecia o dia tentando recuperar o prejuízo. Cigarro e bebida contribuíram para perder o senso crítico do limite nos valores investidos. Compromissos cada vez maiores com agiotas. Perdeu totalmente o controle financeiro após o acidente de carro, em que dirigia, vitimar de morte duas pessoas, uma delas seu melhor amigo. A esposa não suportou a pressão que ele lhe fazia, para que comprometesse o orçamento doméstico com suas dívidas. Todo valor proveniente da cota que lhe coube na partilha foi jogado no ralo das apostas. Hoje anda a pé, cocho de uma perna, o salário entregue a credores, mora de favor com irmã, à espera do seu dia de sorte. E a família, à espera de um milagre.

Antigamente o uso de drogas era um elemento de integração. Utilizado na maioria das vezes por adulto, com objetivos místicos, religiosos, intelectuais ou guerreiros por certos grupos e em certas circunstâncias. A droga estava inserida inclusive num contexto sócio- cultural, ou seja, a maconha era utilizada no oriente, o álcool, no ocidente.

Atualmente o uso de drogas é utilizado como elo desintegrador, ocupando o espaço da intimidade das relações interpessoais. A droga é tratada mais como uma questão econômica do que de saúde pública. A plantação, produção e comércio das drogas envolvem quantias astronômicas, atingindo o terceiro lugar na classificação dos "negócios" que mais movimentam o mercado financeiro a nível mundial.

.....

Dizer que a droga é a causa da deteriorização é, no mínimo, uma inversão de valores. É o próprio sistema social que configura o terreno social que predispõe a proliferação das toxicomanias. Qualquer enfoque: individual, familiar, político, social ou espiritual avaliado individualmente será limitado.

www.antidrogas.com.br

Brincar de índio (fazer fumaça)

Alguns usuários de drogas, em especial da maconha, justificam o consumo como um processo de busca do êxtase, “o barato”, como chamam. Querem o caminho mais curto para o Nirvana.

Longa é a trajetória das substâncias psicotrópicas na história da humanidade. Há registro, na idade Antes de Cristo, de uso de álcool, maconha e ópio. Povos primitivos, até hoje, usam plantas alucinógenas em rituais.

O uso de plantas sagradas faz parte da experiência humana há milênios. As plantas de poder, ou psicotrópicas, promovem estado alterado de consciência. São inseridas em rituais mágico-religiosos, dentro de rigorosos critérios de preparo da fórmula, dosagem, ambiente e usuário. Várias são as comunidades religiosas que, ainda, as utilizam. Em geral, são exigidos disciplina, estudo e iniciação para participar de cerimônias com sua ingestão.

Diferente dos usuários de maconha, aqueles que utilizam plantas de poder não buscam “o barato”, mas almejam cura física, emocional ou espiritual, auxiliar que é no processo de autoconhecimento.

Esses mesmos resultados podem ser obtidos por aqueles que praticam meditação, yoga e ou-

tros exercícios que proporcionem o serenar da mente e permitam o mergulho interior.

Enquanto as plantas sagradas limpam e abrem canais de percepção sutis, as drogas os bloqueiam.

Para a transcendência não existe atalho. Buscá-lo é enveredar no caminho trevoso, muitas vezes, sem volta, das alucinações.

Ilusão Suicida

... Jovens, de boas famílias, eram os freqüentadores daquele local. Deitados no chão, muitos deles usavam o corpo das garotas para aspirar o pó, uma verdadeira orgia... percebemos uma garota de seus dezoito anos debatendo-se em convulsões... examinaram-lhe o rosto: olhos vidrados, expressão de terror. Enquanto os encarnados lentamente tentavam tirá-la dali, a equipe trevosa apoderou-se dos corpos físico, duplo e perispiritual. E a jovem, que deixara de viver na matéria, encontrava-se em estado desesperador na espiritualidade, porque, mesmo "bodada", tinha relances da realidade que estava vivendo... Enquanto isso, o corpo físico da garota esperava que seus colegas lhe dessem um fim. Na parte espiritual, uma equipe trevosa lhe sugava as energias chegando até a medula espinhal... Estávamos agora em um quarto, que mais parecia uma sala cirúrgica, com vários aparelhos... buscamos o corpo físico e este estava sendo devorado por outros espíritos, que nele bebiam o tóxico, o coquetel de drogas... ela sentia a profanação do seu corpo e gritava desesperadamente... Suzane iria viver até os oitenta e quatro anos, e ali jazia com apenas dezoito. Enquanto os vampiros serviam-se da vestimenta física de Suzane, o corpo perispiritual, sede do espírito, sentia tudo o que estava ocorrendo com o físico. Ela sofria horrores e os gritos eram terríveis...

Driblando a Dor – Luiz Sérgio – Psicografia: Irene Pacheco Machado.

Ficção? Para muitos, sim. Para aqueles que acreditam na reencarnação e na comunicação

entre o mundo físico e o espiritual, alarmante realidade. Casas espíritas atendem multidão de dependentes químicos, vampirizados por espíritos interessados em abreviar-lhes a vida, para sorver-lhes o fluido vital. Videntes descrevem o estado crítico dos corpos sutis dos usuários de drogas. A ciência, ainda que de forma lenta e acanhada, vem chancelando teorias milenares do poder da energia veiculada pelo pensamento, capaz de plasmar realidades, transportar objetos, projetar imagem do transmissor à longa distância. Já existem Universidades em países desenvolvidos a estudar os fenômenos mediúnicos. A medicina oriental tem por premissa o bom funcionamento das usinas de energia (chakras), no corpo sutil, como fonte de saúde do corpo físico.

Sem a pretensão de fazer proselitismo, deixo o benefício da dúvida para os espíritos de mente aberta.

Abstraindo-se as conseqüências espirituais, estudos científicos comprovam resultados desastrosos no organismo humano pelo consumo de drogas.

Usuários crônicos de maconha têm redução das defesas imunológicas, nos níveis de hormônio sexual masculino, testosterona; afeta o cerebelo e provoca letargia, redução no controle dos movimentos e desorientação espacial e temporal; reduz a atividade de neurônios relacionados à memória de curto prazo; promove alterações transitórias nas sensações pelo tato, visão e audição. Há relatos de morte pela combinação de maconha com álcool.

Os sintomas de toxicidade por cocaína são usualmente: palpitações, sudorese, cefaléia, ansiedade, tremores, espasmo muscular, especialmente da língua e da mandíbula. Em casos mais graves, pode haver convulsões; isquemia do miocárdio levando a infarto; isquemia de outros órgãos como intestino e cérebro; hemorragia intracraniana. A morte, freqüentemente, ocorre devido à insuficiência cardíaca ou respiratória.

O álcool é a droga mais antiga, com rápidas conseqüências físicas, afetivas e sociais. Destrói famílias, causa desemprego, acidentes de trânsito e crimes passionais. É o maior responsável por internações hospitalares por dependência.

A indiferença do viciado, a informações tão alarmantes, é resultado da própria droga: ela inibe a parte do cérebro que é responsável pelo discernimento e instinto de preservação.

Muitos são os motivos que levam à dependência química ou psicológica. Fortes são as razões para nela não permanecer. Não há promessa de cura fácil; desanimador é o futuro (se houver) para o dependente. A escolha é de cada um.

IV - De quem é a culpa?



Família disfuncional é a que cria uma estrutura comportamental em que os seus membros negam, racionalizam ou encobrem problemas e cuidadosamente guardam ou negam segredos. Indivíduos com esse sistema também tendem a se entregar a emoções exageradas e destrutivas, a esconder seus verdadeiros sentimentos ou a fugir das suas próprias questões, julgando, criticando, culpando ou tentando controlar os outros. Além disso, regularmente violam-se os limites pessoais uns dos outros, ou permanecem distantes e inacessíveis atrás de fortes defesas emocionais e psicológicas.

Papéis culturais podem servir de obstáculos à nossa experiência de rendição. Por exemplo, muitos homens na nossa sociedade são criados com a expectativa de precisar continuar fortes, eficientes e sempre no controle. As famílias e colegas crêem que eles manterão um verniz de estabilidade... "Homens de verdade" não baixam a guarda, não expõem sentimentos nem mostram sua vulnerabilidade.

Cristina Grof – Sede de Plenitude

Maldição dos ancestrais

Existiu uma mulher do início do século passado humilhada pela amante do marido, a desfilarem em frente à sua porta com os filhos bem cuidados. O mais velho, dessa mulher, jamais superou o fim do seu casamento. Não suportou a esposa a prolongada ausência do marido internado em sanatório para tuberculosos. A nova família da ex-mulher padeceu de proscricção: a rigidez de costumes obrigou a filha a rejeitá-la. A segunda esposa daquele homem, rejeitado e inacessível, viveu exilada. Mesmo em tempos modernos, sua prole perpetua a saga da Dinastia dos desencontros, à espera de que, finalmente, um deles quebre o ciclo, destrua a maldição.

Nessa história de contos de fadas ao avesso, todos os torturados protagonistas foram filhos, maridos, esposas e pais. Há como separar?

Filhos não têm manual de instrução

Ainda muito pequena, brincava de boneca, dava banho, preparava comidinha. Aceitou, com prazer, tomar conta dos irmãos menores. Adulta, só tinha um propósito: ser mãe. No desespero do relógio biológico, que não pára, quase teve produção independente.

As brincadeiras de sua irmã? Empinar papagaio, jogar bola de gude, subir em árvores. Não tinha paciência para as brincadeiras da irmã.

Uma dedicou sua vida à criação dos filhos. Outra se tornou competente executiva. Ambas tiveram filhos desviados.

Especialistas recomendam amor e limites. Acompanhar a vida dos filhos. É um norte. Mas criar filhos não tem manual de instrução. Não se pode ignorar a individualidade, que processa as informações, assimiladas no processo educativo, e dele extrai produto personalíssimo.

Hoje, ser mãe não é mais uma missão. É um encargo, no fardo de responsabilidades que as mulheres têm que carregar. Alguém disse que era preciso realização profissional. Grande parte dos homens não aceitou dividir a tarefa de educar os filhos. É dessa mulher assustada e cansada, com tantos desafios e incertezas, que está sendo exigida a hercúlea tarefa de ser bem sucedida na maternidade. E, no dia das mães, serem endeusadas.

Amor Materno

O grito de dor
Que na garganta engasga
É como um punhal
Que no peito crava
No ser em sofrimento
Nada tem de igual.

No amor materno
Nada se iguala
Ao sentir o ser querido
Em processo de dor.

Somente ela
Sabe o que sente
Somente ela
Declara seu amor.

Neli Julans

A culpa é dos pais?

Exemplo de família modelo. Quem não queria freqüentar a intimidade daquele lar, ver o filho casado com moça tão inteligente e educada? Não por muito tempo. Crime hediondo é descoberto praticado pelo filho mais velho. A partir daí, os familiares são olhados com nojo, como se contaminados por doença purulenta.

Adolescente morre em “pega” numa estrada deserta. A mãe, ao ser informada do óbito, confusa e atordoada, repete as mesmas palavras: não é possível, minha filha falou que ia à casa da vizinha... Em frente ao jornal fixado na banca, as pessoas comentam: onde estavam os pais?

Jovem perde a vida em overdose numa noite de orgia. Pais relapsos.

Homicida em série explica a origem de sua doença: os pais não lhe deram amor...

Não se pode negar que, de fato, há pais negligentes, entretanto foi criado um implacável estereótipo: tudo de mal que um jovem sofre ou pratica é culpa dos pais.

Ouvi, hoje, no noticiário, um juiz da infância e da adolescência, ao ser indagado sobre quais providências devem ser tomadas para coibir o uso denunciado de drogas por adolescentes, em plena via pública, respondeu a pergunta com outra: onde estão os pais desses jovens?

Será que tais pessoas já tiveram filhos adolescentes? Será que elas próprias já o foram e são capazes de lembrar sua rebeldia? É possível, nos dias de hoje, ter absoluto controle sobre os filhos, com as facilidades que a vida moderna trouxe para os vendedores de droga?

Não estamos aqui relegando a importância da atuação dos pais no acompanhamento da conduta dos filhos, mas é importante entendermos que ninguém tem controle sobre a vida, a não ser da sua própria.

É este tipo de atitude que incute nos pais de suicida sentimento de culpa eterno, como se fosse possível evitar tresloucado ato. Julgar é fácil. Ajudar poucos querem. Omissão prolifera até que sejamos a próxima vítima de drama familiar dessa natureza.

Tentativas fracassadas

Pais indignados procuram a direção da escola. Descobriram que psicopedagoga incentivava o namoro de sua filha adolescente com colega viciado, julgando que pudesse tirá-lo das drogas.

Jovem viciado entrega-se à depressão em conduta suicida. Pretende acabar com seu sofrimento e o dos pais.

Como saber a justa dosagem entre cuidados e chantagem emocional? Saudável limite e pressão psicológica? O que faz um jovem querer ajudar um amigo viciado ou ser por ele iniciado?

Muitos caíram na teia do vício por não conseguirem ajustar-se aos padrões de comportamento esperados. Há países de Primeiro Mundo onde o índice de suicídio entre jovens é altíssimo, não conseguem alcançar as metas escolares.

Amar, só, não basta. Já diz o velho ditado que de boas intenções o inferno está cheio. É preciso competência para ajudar, obtida através de orientação profissional. Ou o tiro pode sair pela culatra.

Alguns conselhos aos pais e educadores para abordar a toxicodependência:

- Antes de conversar com o seu filho, informe-se dos efeitos que cada droga tem, os locais onde se costumam vender, o seu preço e as conseqüências legais para aqueles que consomem ou vendem. Lembre-se de que se estiver bem informado será mais convincente e terá melhores poderes de argumentação.

- Converse de forma sincera e transparente com o seu filho e explique suas preocupações.

- Seja claro e conciso. Saiba escutá-lo, mas não se deixe influenciar por suas idéias. Seja firme nas suas opiniões e confie nos seus instintos.

- Analise cuidadosamente o problema. Não lhe diga coisas que não sejam verdade. Por exemplo, ele não aceitará se lhe disser que os efeitos de fumar cannabis são os mesmos da cocaína.

- Não se exalte enquanto conversa com seu filho. Fale calmamente e lembre-se de que o poderá ajudar se ele estiver disponível para o ouvir.

- Frise bem que a sua maior preocupação é as suas conseqüências negativas, tanto ao nível físico, como psíquico e social. Não levante questões morais.

- *Atue de imediato e não espere que as coisas se resolvam sozinhas.*

Estimule o seu filho para a prática de exercício físico, de atividades extracurriculares e desperte-lhe a curiosidade para determinados temas, como astronomia, tecnologia, computadores, etc. Lembre-se que deve acompanhá-lo de perto nesta fase. É importante criar um vínculo muito forte entre ambos, que permita ao adolescente estabelecer novas plataformas de comunicação em torno de interesses comuns e, sobretudo, saber que ele pode contar consigo sempre que precisar de ajuda.

www.antidroga.com.br

Falhas cometi. Não tem remédio?

Livros especializados em prevenção e recuperação de abuso de drogas apontam falhas dos pais na educação, como fator de iniciação ao consumo por jovens.

A dificuldade da correta dosagem de limites ora causa condutas excessivamente permissivas, ora autoritárias.

Se somos permissivos, criamos ambiente favorável às aventuras próprias da idade. Se autoritários, construímos pessoas reprimidas, com baixa estima e depressivas.

Se somos ausentes, a criança não tem referencial. Se presentes demais, não desenvolve independência.

Ao ser pai ou mãe, por mais instrução que tenha do ofício, o ser humano não se dissocia de sua integralidade, do somatório de vivências, dos condicionamentos e vícios da educação que recebeu. Muitos não têm noção da responsabilidade que é colocar um filho no mundo e dar sua formação.

Então, um dia, você descobre que o filho é viciado. Após anos de terapia, descobre onde falhou como pai ou mãe. Aí, pergunto: E agora? Não tem conserto? Seremos crucificados, condenados ao fogo eterno? E este ser, não poderia ter escolhido outro rumo, apesar da ação nociva involuntária dos pais? E se eles não quiserem tratar-se? E se não

conseguirem curar-se, apesar de quererem? Como podemos ajudá-los?

Em todos os depoimentos que conheço, em que pese a dedicação dos pais, pude perceber que é a determinação do viciado que o liberta. Se podemos ter contribuído para a escolha do caminho, a cura é processo que depende de decisão pessoal. Se não nos deixarmos paralisar pela culpa, o amor irá guiar nossos passos em direção à ajuda necessária, seja qual for a opção por ele eleita.

Grito de mãe

Ao vê-lo de mãos postas
Com algemas nos punhos
Olhos esbugalhados
Suas vestes sujas
Não contém o pranto.

Com o coração partido
Vendo sonhos desfeitos
Do ser querido
Que aconchegou ao peito.

E na sala fria judicial
Seu corpo treme sem contenção
Enquanto a autoridade fala
Do alto do seu posto em prontidão.

Ela silencia sua fala trêmula
Deixando as lágrimas sentidas
Escorrer pelo rosto
Como se o silêncio
Fechasse a ferida.

Neli Julans

O que dizer à mãe de um viciado?

Abrace seu filho. Abrace e perceba uma sintonia acontecendo confortavelmente. Quem sabe, entrelaçados, vocês podem ir fazendo novas descobertas, usufruindo prazerosamente de novas descobertas. Toque a vida de seu filho e talvez você entenda o valor das trocas. O calor vai de um ser para o outro. E junto dele, o amor. Ana Maria de Melo Nogueira

Olhar distante, desenergizado. Voz mansa e compassada, em contraste com a atividade muscular rigorosa e compulsiva nas máquinas de musculação. É preciso afastar a angústia, a desolação. Tem um filho viciado. No começo, a preocupação em tirá-lo da dependência. Vigilância ferrenha, atrativos domésticos para mantê-lo em casa. Primeiro grande furto sem suspeitas, apesar de não haver evidências de arrombamento. Desvio de dinheiro, contas não pagas. Telefonemas estranhos. Sucessivas mentiras e contradições. Recentemente, fuga de seqüestro. Marginais presos o acusam do planejamento. Começam os desentendimentos com ex-marido. Ele quer se proteger, ela salvar o filho, insiste em lhe dar um voto de confiança. Escuto tudo perplexa e impotente para ajudar.

O que dizer à mãe de um filho que perdeu o rumo? Vemos todos os dias na imprensa e televisão casos envolvendo drogas, jovens que roubam os pais, agridem-nos, chegam até a matá-los, e vice-

versa. Alguns optaram por expulsar o filho; outros lutaram pela recuperação; poucos tiveram sucesso. Muitos vivem em pânico e sobressaltados no convívio doméstico, à espera do próximo golpe. Observo que, até hoje, a medicina não encontrou solução para neutralizar o efeito devastador das drogas. Psiquiatria e psicologia estão tatiando nesse escuro labirinto. Grupos de auto-ajuda conseguem acanhados sucessos. Nem sempre o motivo é desamor ou omissão. Qualquer julgamento é injusto, conselho ou sugestão inadequados vindos de quem nunca viveu experiência semelhante.

Sinto-me solidária com essa mãe, por entender o conflito interno devastador de querer salvar o filho, ao mesmo tempo em que o teme. Tenho fé na proteção divina para quem escolhe correr risco de ser vítima fatal, para honrar compromisso que assumiu, ao colocar um ser humano no mundo. Respeito aquelas que não conseguem conviver com o pavor, nem com a dor de ver o flagelo humano em que se transformou aquele que tanto ama. Desejo que um dia esse câncer seja definitivamente extirpado da face da Terra, e todos sintam-se amados, acolhidos, amparados e não precisem recorrer às drogas para suportar a dor que precisa ser vivida. É o que gostaria de dizer e digo.

V - Sintomas de cura



Numa ocasião ou noutra, a maioria de nós sente algum grau de vazio, solidão, inadequação, idealismo ou anseio espiritual. Reconhecemos o descontentamento, o desejo de escapar à dor e a tendência a buscar respostas em atividades, substâncias ou relacionamentos. O que é esse anseio flutuante? Acredito que Jung estava certo. Esse anseio intenso e, às vezes, doloroso é uma profunda sede de nossa própria totalidade, nossa identidade espiritual, nossa fonte divina, nosso Deus. Talvez artistas inspirados como Rembrandt ou Mozart tenham sido capazes, numa ruptura momentânea de expressão criativa, de capturar uma peça daquela fonte da sua arte, e eu, como observadora, reconheço isso. Mesmo para grandes artistas, esse momento é, no entanto, fugaz, e eu, sentindo-o, fico com uma dor insatisfeita e ardente na alma porque não posso alcançar essa experiência e nela permanecer.

A “nossa sede de totalidade... a união com Deus” , como Jung chamou, é um ímpeto fundamental que há dentro de nós e possui um enorme poder nas nossas vidas. O impulso para conhecer as nossas verdadeiras personalidades leva a um tipo de descontentamento divino dentro de nós...Muitos se sentem atraídos por uma prática espiritual regular, como oração, meditação, execução de rituais sagrados ou adoração comunitária. Outros podem descobrir na expressão artística um meio de desenvolver o seu relacionamento com a fonte divina. Outros, ainda, encontram a sua identidade espiritual através da participação nas atividades simples de sua rotina diária, envolvendo-se com um trabalho que apreciem, cuidan-

Virgínia Leal

do de si mesmos e dos entes queridos, ou criando um ambiente saudável para as pessoas ao redor.

Sede de Plenitude – Cristina Grof

Uma questão de sobrevivência

Nas fotos de família, já era percebido aquele olhar triste e distante de menor abandonado. A tampa perfeita para a panela de Amparo. Sempre carinhoso e cordato, Inocêncio não dispensava seus cuidados. A bebida não era problema, só o fazia em casa, com a família e nos finais de semana. Não percebeu ela a definitividade daquela tristeza. Impossível precisar quando ou porque a bebida passou a ser companhia freqüente. Aparentemente, só a ele causava estrago, mas era desconfortável vê-lo sempre naquele estado degradante. Os filhos não traziam amigos ou namoradas para casa. Amparo sentia-se sobrecarregada. Embora ele se dispusesse a cumprir suas obrigações, a confiança estava minada. Várias foram as tentativas de ajuda, sempre recusadas, achava que tinha controle da bebida. Por muitas vezes, ficou trinta, sessenta dias sem consumi-la. A perda da admiração levou ao desamor.

Desde os primeiros dias de casamento, Imperiano pôs suas unhas de fora. Altina, entretanto, não se deixava abater. Não conseguia entender aquela mistura de médico e monstro. Nos primeiros anos, achava que era uma fase. Afinal, era natural a tristeza por não conviver amiúde com os filhos do casamento desfeito. O peso do tempo trouxe revolta. Com ela veio o desrespeito, a degradação. Não aceitava ser trocada pelos companheiros de bebida. O fôlego dele crescia, enquanto ela vertiginosamente afundava. Não sabia que, no fundo do poço, resgataria a força perdida. Ao emergir, seu coração estava vazio.

Inocência queixa-se de abandono. Imperia-
no, de nunca ter sido amado. Não percebem que,
ao se enclausurarem em suas dores, negaram a
chance de serem felizes. As sombras desse animal
enjaulado expulsaram suas famílias. Questão de
sobrevivência.

Sede de poder

Muito cedo, Lilith desenvolveu (ou já trouxe quando nasceu?) habilidade para conseguir o que queria das pessoas. Amuada, trancava-se por horas, no quarto, não comia. O papel de vítima lhe foi confortável por um bom tempo. Não atinou, quando a máscara caiu e viu-se às voltas em confrontos de todas as ordens. Implacável especialista no julgamento das pessoas. Para não ficar como vilã, sempre adoecia após uma boa briga. Amidalite, gastrite lhe tiravam de cena, quando o páreo estava duro. Começou a observar a reação negativa das pessoas a suas atitudes. Novo jogo entabulou. Agora era o da filha e profissional perfeita, dedicada e altruísta. A amiga indispensável. Começou a sentir-se cansada em estar sempre disponível às pessoas, sempre bem humorada, inteligente e atraente. Descobriu os atributos da sensualidade que cativa homens, mulheres e crianças. Por que não usá-los? Numa grande rasteira que a vida lhe deu, percebeu que, enquanto pensava estar controlando as pessoas, igualmente estava sendo manipulada. Não teve mais descanso, noite e dia procurava o mínimo de sinais de manipulação em palavras, gestos e atitudes alheios. A paranóia quase a levou à loucura. Depois de muitos surtos depressivos, teve vontade de ser ela mesma, assumiu o risco de não ser aceita. De tanto viver representando papéis, percebeu que pouco sabia sobre seus gostos, aptidões, características. Iniciou a difícil e demorada viagem para seu interior. Descobriu que mais importante que ter poder sobre as pessoas é ter poder sobre si própria.

Pois Deus não deu um espírito de timidez, mas de fortaleza, de amor e de sabedoria. II Timóteo 1:7

Quando estiver fazendo o que é certo para você, simplesmente diga isso uma vez, depois recuse-se a discutir mais o assunto. Toby Rice Drews

Desligamento não significa desligar-nos da pessoa que amamos, mas da agonia do envolvimento. Membro do Al-Anon

Lemas dos Doze passos:

- *Devagar e sempre.*
- *Deixe estar e dê sossego a Deus.*
- *Viva e deixe viver.*

Tão perto, tão longe

Ninguém é mais popular do que Eros. Se tivesse interesse na carreira política, já estava eleito. Nas reuniões, é o centro das atenções. Alegre, espirituoso e divertido, cativa tanto, que ninguém dá importância àquela pequena dificuldade. Para o pai, não é problema e, sim, motivo de orgulho: seu filho é um garanhão, seu vigor sexual é invejável. O casamento não durou muito, a esposa não estava à altura de sua virilidade e ainda lhe atormentava com brigas intermináveis, quando o encontrava fazendo sexo virtual. Passado algum tempo de orgias eróticas, a vitalidade tão comentada de Eros despertou curiosidade em Afrodite. Esta, sim, sabia valorizá-lo, encontrou, finalmente, sua alma gêmea - pensava ele. Ninguém o viu tão feliz. Queria estar sempre com ela. Aonde ir? Não importa, desde que haja um quarto e uma cama. Afrodite estava extasiada. Embarcou na viagem do prazer e por lá permaneceu, até perceber que havia perdido a concentração para trabalhar, a disponibilidade para a família, sua casa estava em total desordem. Só lhe interessava o próximo encontro. Percebeu que nem sempre afinidade é elo de construção. Não foi fácil afastar-se de alguém tão encantador, disponível, amigo. Quem sabe não era a forma inconsciente dele compensar o desequilíbrio sexual? Questionou seus sentimentos e só encontrou vazio. O mesmo vazio que mantinha Eros sempre buscando seu brinquedo preferido, sem dar-se conta de que já havia crescido. A bolha que os mantinha neste mundo telúrico rachou, pela fenda

entrou um pouco de realidade. Agora, longe, fisicamente, nunca estiveram tão próximos, no mesmo caminho divino de cura.

No labirinto da solidão

Sorte em relacionamentos não teve Das Dores. Seu primeiro casamento foi desfeito, ainda grávida da primeira filha. Perdeu o interesse sexual pelo marido. Não entendia a intensidade da frustração que o levou, por mais de uma vez, a forçá-la a transar, sentia-se usada. No segundo casamento, foi diferente. Usou a abstinência como meio de vingança. Admirava-se de não sentir falta de sexo por trinta, sessenta dias. Ressentiu-se ao descobrir a infidelidade do marido. Ele, que sempre a acusou de transmitir-lhe doenças sexuais. Chegou a pensar ser frígida. Sonhos recorrentes a atormentavam: imagens de mulheres jovens com seus bustos expostos em templos religiosos; uma freira fazendo um aborto. Paradoxalmente ao sentimento de vergonha que esses sonhos lhe causavam, fantasiar estar fazendo sexo em lugares públicos e com mais de um parceiro lhe levava ao orgasmo. Conseguiu, com ajuda terapêutica, trazer ao consciente abuso sexual sofrido na infância. Trabalhos com o corpo para liberar a energia bloqueada. Novo parceiro atraiu, desta vez, em busca de intimidade. Constante vigilância para não entrar, novamente, no labirinto da solidão.

O vício da onipotência

Obstinação era a palavra mais adequada para definir as atitudes de Onilda. Lembra como foi difícil conquistar Ariano. Não iria falhar com ele, como falhou com o pai inacessível. De tudo fez para tornar-se necessária, sem sucesso. Ariano era prendado nos cuidados de um lar. Dizia que só precisava de mulher na cama. Quanto mais ele demonstrava o quanto ela era desnecessária, mas ela se desdobrava em cuidados e atenções, nunca reconhecidos. Nessa competição, sempre levava a pior. Para provar seu valor, passou a assumir todas as tarefas e obrigações. Assim, podia culpá-lo de omissão e rejeitar suas queixas pela comida crua ou salgada, ou a casa desarrumada. Enquanto o monstro do ressentimento mútuo crescia, mais se sentia exausta e deprimida. Constatando a inutilidade de sua empreitada, voltou-se à realização profissional. Nesse campo, sim, poderia sobrepor-se. Inútil, o marido desvalorizava seu desempenho, cobrava os cuidados do lar. Em retaliação, fazia ela questão de jogar na cara o mínimo deslize, os esquecimentos, as omissões. Desferiu, então, Ariano golpe mortal: o sarcasmo. Prolongada foi a campanha de críticas veladas, desmoralização, humilhação. Tudo para mantê-la sob controle. Um dia, Onilda acordou sobressaltada. Sonhara sendo seviciada por vários homens. Sem forças para reagir, rendeu-se à sua impotência. Foi, então, que dois braços estendidos a salvaram. Naquele mesmo dia, desistiu da disputa. Juntou uma muda de roupa e começou do zero. Continua obstinada, só que o foco agora é o controle de si mesma.

Perséfone

Pesquisas recentes sobre as origens da palavra anglo-saxã witch (bruxa) sugerem que talvez provenha da antiga palavra wicca, que se refere àquela que pratica a arte da sapiência. Quando a Igreja perseguiu as bruxas, ela também suprimiu a antiga sabedoria da Deusa. O que se perdeu foi o segredo de Perséfone madura, a sabedoria daquela que conhece os mecanismos da vida e da morte – as energias que determinam as estações, a sexualidade e o nascimento – daquela que compreende o hiato entre os dois mundos e que reverencia a onipresente tutela dos ancestrais. Essa sabedoria ela partilhava com a sua guardiã, Hécate, deusa das feitiçarias e da magia.

A Perséfone madura que retornou de sua jornada vive de algum modo além do mundo comum, ainda que permaneça em íntimo contato com ele. Ela tornou-se uma feiticeira, isto é, uma mulher sábia que “já viu tudo” e que, portanto, pode mostrar-se sempre alegre e bem-humorada, achando sardonicamente divertida a loucura humana.

Afrodite

Viver plena e honestamente com Afrodite e com sua chaga é tarefa difícil e muitas vezes dolorosa para a mulher moderna, uma tarefa que remonta a incontáveis gerações. Sob muitos aspectos, é mais seguro viver confiante e bem protegida em Atena, mais seguro retirar-se e viver sozinha em Ártemis, mais seguro tornar-se mãe de todas as criaturas como Deméter ou esposa de um empresário como Hera, do que enfrentar as chagas dilacerantes da deusa do amor.

E quando dois corações estão abertos um ao outro, a magia de Eros pode então fluir entre eles. Este é o grande dom de Afrodite, a fusão de dois corações em harmonia com a grande fusão sensual de nossos seres físicos. Quando ambos os canais estão abertos, a deusa está verdadeiramente presente em nós.

A Deusa Interior – Jennifer Barker Woolger – Roger J. Woolger

O encontro das deusas

Afrodite não conseguia entender a tristeza e isolamento em que vivia Perséfone. Atribuía o sofrimento da mãe à crueldade do pai. Comigo será diferente, dizia. Nenhum homem vai me subjugar assim. Cedo descobriu a sensualidade como instrumento de poder. Fidelidade não cogitava, afinal tinha os mesmos direitos dos homens. Acumulava troféus de relacionamentos sem envolvimento emocional. Não se deixaria aprisionar como a mãe. Perséfone também não conseguia entender a tristeza e isolamento da filha. Cuidou de lamber as feridas, conseguiu emergir do mundo infernal. Com os atributos metafísicos que lá adquiriu, sentiu-se fortalecida para ir à busca de vida prazerosa. Não tendo mais quem justificar, Afrodite mergulhou nas profundas águas da auto-aceitação. Lá entrou em contato com a necessidade de amar e ser amada. Faces da mesma moeda. Caminhos inversos para idêntico destino: resgate da essência e conquista da felicidade.

O ópio do povo

Os médicos e psicólogos perceberam também que muitos usuários tendem a transitar de uma droga para outra, e delas para um comportamento compulsivo."O indivíduo fica trocando de dependência e mascara o problema dele independente do vício. O efeito é o mesmo. "Em todos os casos está por trás a busca do prazer e a perda do controle, constata. Novamente a neurociência confirma: "A explicação é que todos os vícios passam pelo mesmo lugar do cérebro. Cada um escolhe, digamos, a sua droga de preferência, mas na falta dela, qualquer outra serve para ativar o sistema de recompensa", diz Suzana Herculando Houzel. "Por isso, até os tratamentos pensam nesse todo. A recomendação dos Alcoólicos Anônimos e dos Narcóticos Anônimos é abstinência total, é a pessoa reconhecer que o vício se aplica a tudo".

www.antidrogas.com.

Algumas instituições religiosas buscam a conversão de viciados com a promessa de cura. Muitas têm conseguido êxito, mediante a proposta de rendição do dependente a um poder superior. É também um dos passos dos alcoólatras anônimos.

Sem ignorar o benefício social, familiar e da saúde física do viciado, observo que, em muitas situações, o novo convertido transfere a conduta

compulsiva para atividades religiosas, em especial de proselitismo.

Não foi sem motivo que Karl Marx afirmou que a religião é o ópio do povo. Naquele contexto histórico, pretendia questionar a submissão dos fiéis a situações de opressão pela promessa da vida eterna.

Na atualidade, não pode a religião ignorar que o vício decorre de problemas psicológicos deflagrados pelo contexto familiar, político, social ou espiritual, e que afastar o consumo da droga não elimina a doença. É necessário buscar as raízes do problema.

Em muitas religiões, vemos atitudes fanáticas de seus seguidores: o católico resolve os problemas com promessas; o evangélico vê satanás em tudo; o espírita explica todas as dificuldades como resultantes de influência espiritual, a chamada obsessão.

Para os fanáticos, a religião escolhida é a única detentora da verdade. Seleciona seus amigos e familiares pela opção religiosa, promovendo, assim, a separatividade.

A literatura especializada relata como principal característica do viciado o egoísmo, que gera a arrogância e a prepotência. O dependente acha-se superior, quer posição de destaque e acredita que o mundo gira ao redor de seus caprichos.

A caridade pregada por algumas religiões e lema do A.A.A é ferramenta para curar o egoísmo. Se não foi assimilado o sentido da rendição a um poder superior, a caridade pode ser usada, pelo egoísta, como um meio de se promover, de ostentar.

Aqueles que recebem a missão de conversão de fiéis podem alimentar sentimento de superioridade.

Quando se fala de comportamento compulsivo, não se pode encurtar o caminho de cura. Nem substituir um vício por outro.

De perto, ninguém é normal

Na missa, o vinho. Na comunidade indígena, o cachimbo da paz. Como conceber uma reunião social sem bebida? Fumar após uma boa transa, ou um cafezinho é exibido como um momento de êxtase. E aquela sobremesa saboreada lentamente?

Hoje, já há pessoas que rejeitam a companhia de fumantes. Quem já foi vítima de parceiros, que se excediam na bebida, não suportam ambientes com álcool.

Se você está em busca de hábitos saudáveis, entretanto, prepare-se para a solidão. Seus amigos se sentirão incomodados, se você não tocar na comida cheia de gordura. Insistirão para tomar, ao menos, uma taça de vinho com eles. Reclamarão que “dorme com as galinhas”. Acharão intediante sua preferência musical.

Alguns lhe olharão com complacência, por não verem neles nada a ser corrigido. Mas a maioria reagirá com hostilidade ao espelho que você projeta com sua conduta. Temem que tenha chegado perto demais e sua loucura seja revelada.

Não lamente, se tiver que deixar pessoas para trás. Outras, com propósito semelhante, com você se identificarão. E estarão juntas pelo motivo certo.

Torna a olhar agora e examina o que naturalmente sucederia se os prisioneiros fossem libertados de suas cadeias e curados de sua ignorância. A princípio quando se desate um deles e se obrigue a levantar-se de repente, a virar o pescoço e a caminhar em direção à luz, sentirá dores intensas e, com a vista ofuscada, não será capaz de perceber aqueles objetos cujas sombras via anteriormente; e se alguém lhe dissesse que antes não via mais do que sombras inanes e é agora que, achando-se mais próximo da realidade e com os olhos voltados para objetos mais reais, goza de uma visão mais verdadeira, que supões que responderia? Imagina ainda que o seu instrutor lhe fosse mostrando os objetos à medida que passassem e obrigando-o a nomeá-los: não seria tomado de perplexidade, e as sombras que antes contemplava não lhe pareceriam mais verdadeiras do que os objetos que agora lhe mostram?

Quando libertados, continuarão a sustentar que as sombras que antes viam eram mais verdadeiras do que os objetos que lhes mostram agora.

*Em presença do Sol, ficarão deslumbrados pelo excesso de luz.
A alegoria da caverna – Diálogos – A república – Platão.*

Sem medo de ser feliz

Ao sul do Equador é proibido não ser feliz, é proibido não ter sucesso. "Sorria, você está sendo filmado" pelos olhares dos outros, por suas avaliações, por julgadores sem alma, sem ética e sem nome. Amparo Caridade

Vale a pena conferir o filme "Cazuza – O tempo não pára". A rebeldia da adolescência, questionando padrões sociais, está nitidamente presente na personalidade retratada do personagem, traduzida nas belas letras das músicas de seu acervo. O talento e capacidade de realização. Para mim, ficou a mensagem autodestrutiva daqueles que adotam como meta a alegria absoluta e irrestrita, a qualquer preço. "Não pode pintar dor no rock", afirmou o protagonista. Uma fala do filme me chamou a atenção: já em cadeira de rodas, Cazuza reflete sobre a possibilidade de fazer terapia, e conclui: "ganho dinheiro cantando minhas desgraças". Será, então, que é mais importante fazer sucesso do que ser feliz? Mesmo no meio daqueles que rejeitam a gravata, prolifera a ideologia da fama, do poder, do sucesso como caminho para a felicidade. Não vale chorar, nem questionar, tão pouco discordar. Se "pinta" dor, isolar-se do motivo é a solução. Um baseado, um uísque ou a "pílula da felicidade" resolve. Tudo para manter a máscara da alegria, da euforia, da permanente festa.

Então você deve estar perguntando-se: e eu com isso? Não faço parte dessa turma, não me drogo, não vivo de orgia."

Será?

Mudam-se os meios, o fim é o mesmo. Chegar mal humorado ou triste ao trabalho é meio caminho para demissão. Afinal, o cliente quer pessoas bonitas e alegres atendendo-o. Os amigos não querem saber daquele chato, vez por outra, de baixo astral. A namorada quer um vencedor. Mas há solução para isso. Se estamos cansados, o estimulante. Com enxaqueca, o analgésico. Se tristes, o antidepressivo. Se nervosos, o calmante. Assim, a aparência de bem-estar constante será conservada.

Enquanto mantemos sob controle nossas tristezas e frustrações, perdemos a capacidade de apreciar o sorriso do filho, o aconchego do marido, contemplar o por do sol ou o nascer da lua.

Se não sabemos por que estamos tristes ou aborrecidos, como vamos aproveitar a vida como é? Se não questionamos o modelo de felicidade que nos foi imposto, como saberemos o que realmente queremos?

Pare tudo que estiver fazendo, feche os olhos e permita-se sentir dor, desconforto e angústia. Pergunte de onde tudo isso vem. Consulte suas necessidades. Libere os sonhos.

Desapegue-se de tudo que não é importante. Construa nova vida baseada nas suas verdadeiras aspirações. Não será fácil, as tentações de encaixar-se no modelo esperado serão muitas. O

Virgínia Leal

apelo ao consumo será forte. Aceite as tristezas.
Enfrente os desafios. Curta os momentos de prazer
e alegria. Sem medo de ser feliz.

*Luto todos os dias
Mas como lutar contra algo tão bom
Que além de calma me deixa com um certo tom
De alegria quando estou cansado
Mas de melancolia quando não está ao meu lado
Vou me livrar dessa dependência doentia
Que vem consumindo minha mente e me enfra-
quece a cada dia
A vida é assim, só resistem os fortes
Por isso vou enfrentando sem que me importe
Nem com você nem com o resto
Apenas no futuro atenção eu presto
Mas não te preocupa, nossa história não termina
assim
Vamos nos encontrar e então poderemos ser felizes
enfim. (BHAC)*

Virgínia Leal

O paraíso perdido



Houve um tempo em que o conhecimento era partilhado com todos. Em Atlântida, havia conforto, bem-estar e felicidade. Para desgraça geral, alguns iniciados não conseguiram a serenidade desejada. Em seu lugar, instalou-se um vazio, preenchido pelo egoísmo e cobiça. A energia densa contaminou os desavisados e arrasou o paraíso.

Os sobreviventes iniciaram a difícil tarefa de reconstrução. Aqueles resistentes ao vírus tiveram que se proteger dos que sucumbiram à doença. Aprenderam a ocultar informações que pudessem ser usadas contra eles. O medo de serem atingidos destruiu os anticorpos. Passaram a dominar os fracos pelo temor do fogo eterno. Dominantes e dominados sofriam de idêntica aflição. Quem conseguiu recobrar fragmentos de lembranças de quem era, foi regiadamente castigado, muitos queimados em fogueiras, para dar o exemplo. A repressão provocou rebelião.

Em meio ao caos, nova forma de conhecimento passou a ser partilhada. Os rebeldes proclamavam ter respostas, rejeitando toda fonte de informação que não tivesse sido por eles estudada e confirmada. Alienados do conhecimento original, controlavam os fracos pelo temor da doença e morte. Para evitar o fracasso de seus antecessores, difundiram a ideologia do consumo, do prazer e de alívio instantâneo para o sofrimento. Estimulantes, vitaminas, analgésicos, calmantes e antidepressivos mantêm a dor do vazio sob controle. Garantia de sucesso e prazer. Corpo escultural, novo modelo automobilístico, roupas de grife. Aparelhos telefônicos multimídia, computadores de última geração.

Do fino vinho ao *fast-food*. Promessas de conquistar o par perfeito. De tanto venderem a imagem, terminaram por acreditar nela, vítimas de suas próprias tramas.

Aqueles que recuperaram o conhecimento ancestral não são percebidos pela massa, cujos integrantes constantemente alternam-se nos papéis de manipuladores e manipulados. Crônica é a doença. Aqueles que adivinham trapaça não se sentem habilitados a participar de tão desigual competição e caem na armadilha das drogas. Ainda são poucos os que escolheram a longa e dolorosa caminhada da libertação. Mesmo esses, vez por outra, são seduzidos pelas promessas de felicidade fácil.

Nova revolução está por acontecer. O estímulo exacerbado da cobiça conflita com a ausência de oportunidade de acesso ao consumo. O vazio está, cada vez, maior e impreenchível. O medo, ora desencadeia crueldade, ora desespero. Muitos já ouvem o chamado daqueles irmãos que não desistiram de encontrar a Atlântida perdida. A egrégora de luz cada dia mais resplandecente aquecerá e penetrará os escondidos recantos da caverna da ignorância. Encontraremos todos o caminho de volta ao Lar.

Oração da Serenidade

*Deus, dê-me serenidade
Para aceitar as coisas que não posso mudar,
Coragem para mudar as coisas que posso
E sabedoria para distinguir a diferença entre elas.*

Os doze passos (Alcoólatras Anônimos)

- 1 – Admitimos que éramos impotentes perante o álcool, que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas.*
- 2 – Viemos a acreditar que um Poder superior a nós poderia devolver-nos à sanidade.*
- 3 – Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, na forma em que O concebíamos.*
- 4 – Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos.*
- 5 – Admitimos perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano a natureza exata de nossas falhas.*
- 6 – Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.*
- 7 – Humildemente rogamos a Ele que nos livrasse de nossas imperfeições.*
- 8 – Fizemos uma relação de todas as pessoas que tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparar os danos a elas causados.*
- 9 – Fizemos reparações diretas dos danos causados a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-lo significasse prejudicá-las ou a outrem.*

10 – Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.

11 – Procuramos, através da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que O concebíamos, rogando apenas o conhecimento de Sua Vontade em relação a nós, e forças para realizar essa vontade.

12 – Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a esses passos, procuramos transmitir esta mensagem a outros e praticar estes princípios em todas as nossas atividades.

SUGESTÕES DE BIBLIOGRAFIA

1. BRAGA, Humberto; BOECHAT, Walter; ULSON Glauco; CARDOSO, Heloísa; BOECHAT, Paula Pantoja; SALLES, Carlos Alberto Corrêa; BOECHAT, Walter (Organizador) – “Mitos e Arquétipos do Homem Contemporâneo”. Editora Vozes
2. WOOLGER, Jennifer Barker; WOOLGER, Roger J. “A Deusa Interior”. Editora Cultrix.
3. ESTES, Clarissa Pinkola. “Mulheres que correm com os lobos -Mitos e Histórias do arquétipo da mulher selvagem” Editora Rocco.
4. C., Juiz Bill “Como me Libertei do Alcoolismo”. Edições Paulinas/Reindal
5. MANDINO, Og. “A Melhor Maneira de Viver - Como um alcoólatra de 35 anos, à beira do suicídio, mudou de rumo e em dez anos conquistou o sucesso pessoal e econômico.” Editora Record
6. NORWOOD, Robin. “Mulheres que amam demais” Editora Arx
7. STERN, Ellen Sue. “A Mulher Indispensável” Editora Marquês Saraiva
8. BEATTIE, Melody. “Co-dependência Nunca Mais” Editora Record
9. EISENDRATH, Polly Young. “A Mulher e o Desejo”.

10. GROF, Cristina. "Sede de Plenitude". Editora Rocco
11. GIKOVATE, Flávio. "Ensaio sobre Amor e Solidão". Editora MG Editores Associados
12. PIERRAKOS, Eva; Saly, Judith. "Criando União – O significado espiritual dos relacionamentos". Editora Cultrix
13. PIERRAKOS, Eva. "O Caminho da Autotransformação". Editora Cultrix
14. REDFIELD, James. "A Profecia Celestina". Editora Objetiva
15. HAPPÉ, Robert. "Consciência é a resposta". Editora Talento
16. LOWEN, Alexander. "O corpo em depressão – As bases biológicas da fé e da realidade". Editora Summus Editorial
17. LELOUP, Jean – Yves. "Cuidar do Ser". Editora Vozes.
18. _____ "O Corpo e seus Símbolos". Editora Vozes.
19. _____ "Caminhos da Realização". Editora Vozes.
20. GRUN, Anselm. "O Céu começa em você". Editora Vozes.

21. DALLARI, Dalmo de Abreu. "Viver em Sociedade". Editora Modern.

